

DESVENDANDO A ETRÚRIA

Capitão de Mar e Guerra (Ref.)
William Carmo Cesar¹

UMA VISITA À TARQUÍNIA

Tenho a Itália na alma. Meu avô materno, nascido em 1878 em San Giovanni a Piro, na região da Campania, ao migrar para o Brasil em 1898, trouxe daquela histórica e charmosa península mediterrânea parte de minhas raízes profundas.

Em 1976, tive a satisfação de visitá-la pela primeira vez a bordo do Navio-Escola “Custódio de Mello”, quando fizemos escala em Civitavecchia, o Porto de Roma. Dessa pequena e histórica cidade, podemos nos dirigir com facilidade até a capital italiana, em curta viagem de trem de cerca de uma hora e meia. Tive, então, a oportunidade de conhecer a beleza e o esplendor da Cidade Eterna e também do Vaticano, privilégio que se repetiu no ano seguinte, levado pelo mesmo navio. Uma visita esplêndida e imperdível!

Passadas três décadas, em 2006 voltei a viajar para a Itália, a bordo de um novo navio-escola de nossa Marinha, o *NE Brasil*. Entretanto, desta vez, na contramão da maioria dos companheiros de bordo, resolvi embarcar no mesmo trem, mas para viajar em sentido contrário ao da capital, para o norte, rumo a Tarquínia, distante cerca de 20 km de Civitavecchia.

Que motivos me levaram a visitar aquela pequena cidade, com menos de vinte mil habitantes, pouco conhecida dos brasileiros?

Meu irmão mais velho fora pracinha da Força Aérea, lotado no 1º Grupo de Aviação de Caça, GAC, o famoso “Senta a Pua”. Logo após a chegada do grupo

ao porto de Livorno, em outubro de 1944, o GAC foi conduzido de trem até Tarquínia, onde fora instalada a primeira base do “Senta a Pua” na Itália, rudimentar, com barracas de lona levantadas pelos próprios pracinhas da FAB. A minha curiosidade sobre esta cidade nasceu aí, ancorada nas histórias que ouvia do meu irmão sobre suas andanças na terra do nosso avô, nos tempos da Segunda Guerra Mundial.

Com o pensamento voltado para aquela base aérea, desembarquei na estação de Tarquínia. Dali um ônibus me levou até a entrada da cidade, onde um grande portão de ferro dava acesso ao seu interior. Como era de se esperar, nenhum vestígio daquela nossa improvisada base.

Mas a visita não foi em vão, pois acabei brindado com um tesouro histórico valioso: a Tarquínia Antiga. Para quem não sabe, ela fazia parte da Etrúria, uma confederação um tanto dispersa formada por cidades habitadas pelos etruscos, povo pré-romano que ocupou parte da península itálica.



Figura 1. Torre da Fortaleza de Michelangelo junto ao cais, em Civitavecchia

Fonte: o autor.

¹ Instrutor e coordenador de História Naval (HNV) na EN durante o período de 1998 a 2019 e autor dos livros *Uma História das Guerras Navais, o desenvolvimento tecnológico das belonaves e o emprego do poder naval ao longo dos tempos* e *A Terra é azul e redonda*. Doutor em Ciências Navais pela Escola de Guerra Naval (EGN).

Logo no início da visita, ao percorrer as ruas da cidade, um belo prédio chamou-me atenção. Era o Palazzo Vitelleschi, construído na primeira metade do século XV e que, em 1924, fora transformado na sede do *Museo Archeologico Nazionale di Tarquinia*, detentor de um riquíssimo acervo de peças etruscas.

A satisfação com aquela “descoberta” fora imensa, e visitar aquele museu, bem como a histórica Tarquínia, acabou por despertar-me um desejo maior do que a própria motivação original de procurar vestígios da nossa base aérea: conhecer a história daqueles antigos habitantes, os etruscos, e sua interação com o povo mais famoso da península italiana, os romanos.

Voltei daquela notável e saudosa viagem com muitas dúvidas históricas acerca daquele povo pré-romano e motivação para aprender um pouco mais sobre a Itália Antiga.

O POVO ETRUSCO

Reestudar a Antiguidade me fez lembrar os saudosos tempos de aluno do Ginásio Bom Jardim e as instigantes aulas de História Geral, quando nos foram apresentados os poderosos impérios e as grandes civilizações daquela época. Logo me vieram à memória: Egito, Babilônia, Pérsia, Grécia, Roma, além de Suméria, Assíria, Caldéia, Fenícia, Cartago, civilizações menores mas não menos importantes. E a Etrúria!?... Uma lástima, pois sobre ela quase ou nada estudávamos. Mas, afinal, o que foi a Etrúria?



Figura 2. NE Brasil atracado em Civitavecchia
Fonte: o autor.



Figura 3. Vista do Centro (Rua Vittorio Emanuele), em Tarquínia

Fonte: o autor.



Figura 4. Palazzo Comunale (Prefeitura), em Tarquínia

Fonte: o autor.



Figura 5. Museo Nazionale (Palazzo Vitelleschi), em Tarquínia

Fonte: o autor.

Para entendermos a Etrúria, precisamos conhecer o seu povo. Eles ocuparam a parte central da península italiana, a partir do final do século IX a.C. e o início do seguinte, fixando-se na região da Toscana de hoje, de onde se expandiram para outras áreas.

A sua origem até hoje não está identificada plenamente, sendo uma das hipóteses a de que vieram da Lídia, na Anatólia ou Ásia Menor, parte da Turquia Asiática de hoje. Diz a lenda, segundo o historiador grego Heródoto, que Tirreno, filho do rei da Lídia, devido a uma fome catastrófica ocorrida naquela região, teve que abandoná-la com parte de sua população. Em sua retirada da Ásia Menor, os lídios teriam rumado para o Ocidente e chegaram, por volta do século VIII a.C., à Úmbria, região vizinha à Toscana, ocasião em que os migrantes mudaram o seu próprio nome para Tirreno, em homenagem ao líder e guia naquela jornada.

É oportuno destacar que aquele povo antigo da Etrúria, que se autodenominava *Rasenna* ou *Rasna*, foi chamado de *Tirreno* pelos Gregos, nome que também se estendeu ao segmento do Mediterrâneo situado entre o litoral oeste da Itália e as ilhas da Córsega, Sardenha e Sicília, que hoje conhecemos como Mar Tirreno.

Uma outra linha de estudo defende ligação dos etruscos com o povo de Villanova, uma sociedade que floresceu na região norte da península, por volta dos 1.000 a.C. nas proximidades da cidade de Bolonha, a pioneira na cultura da Idade do Ferro na região.

De onde vem, então, a denominação Etrúria?

Ela tem origem no nome dado àquele povo antigo pelos Romanos, *Etrusci*, que nós conhecemos como Etruscos.

A ETRÚRIA

A Etrúria foi formada pelas cidades etruscas, autônomas e livres dirigidas por um governante denominado *Lucumon*. Politicamente ela constituía uma federação, que incluía originalmente doze cidades: Tarquínia, Caere (Cerveteri), Vulci, Veios, Vetulonia, Volsinii (Orvieto), Clúsio (Chiusi), Perugia (Perugia), Ruselas, Cortona, Volterra e Arezzo.

Tarquínia, ou *Tarchuna* para os etruscos, foi a cidade mais antiga da Etrúria e tem uma origem também lendária, pois teria sido fundada por Tarconte,

irmão do lídio Tirreno que migrou com seu povo para a península (Maso e Vighi, 1975, p.22).

Graças à sua localização central, mas próxima do litoral Tirreno, e também às minas cujos minérios de ferro e cobre ela explorava e comercializava com os gregos e fenícios do Mediterrâneo Oriental, ela prosperou e foi a primeira a liderar a Federação.

Foi a partir de Tarquínia que os etruscos foram se expandindo através da península italiana, onde fundaram várias outras cidades, não apenas junto ao litoral do Tirreno como também no interior. No início do século VII a.C., o território etrusco abrangia uma grande área geográfica compreendida entre a cadeia dos Apeninos ao norte e a leste, o mar Tirreno a oeste, e o rio Tibre, ao sul. No século seguinte, com o litoral do Tirreno dominado da foz do Arno à boca do Tibre, eles estenderam suas conquistas para o sul, alcançando a Campania e o Lácio, onde ocuparam aldeias do monte Palatino e conquistaram Roma. Em seu expansionismo ao longo da península, os etruscos ainda avançaram para o norte, até a planície do rio Pó, e para o leste até o litoral do Adriático.

Construída em 753 a.C. junto ao Tibre, a partir da cidade de Alba Longa ou fundada pelos descendentes do troiano Enéias, Rômulo e Remo, como diz a lenda, Roma chegou a ser governada por três reis etruscos, *Lucius Tarquinius Priscus*, que reinou cerca de 616 a 519 a.C., *Servius Tullius*, de c. 578 a 535 a.C., e *Lucius Tarquinius Superbus*, de 535 a 509 a.C., quando Roma adotou a República.

Na época dos etruscos, a península italiana também era habitada por outros povos independentes, entre os quais destacamos os oscos, os úmbrios, os samnitas, além dos sabinos e latinos, estes no Lácio, próximo a Roma.

TIRRENO, UM MAR ETRUSCO

Os etruscos foram grandes mercadores e competentes marinheiros, que estabeleceram uma verdadeira malha de navegação no mar Tirreno, onde dispunham de bons portos e exerceram o domínio do litoral da península, da foz do Arno ao Tibre. Modelos e gravuras de embarcações evidenciam as atividades marinheiras dos etruscos que teriam sido os pioneiros na construção de embarcações com dois mastros (Paine, 2015, p.111).

Com a colonização cartaginesa das ilhas da Córsega e da Sardenha, e grega de Cumas, na Campania, e da Magna Grécia no extremo sul da península e na Sicília, navios daqueles povos passaram a frequentar o “Mar Etrusco” e dividir a navegação comercial inicialmente de modo pacífico. Após a fundação, pelos gregos, da cidade de Marselha (c. 600 a.C.) no litoral da França e de Alalia (562 a.C.) na Córsega, a liberdade de navegação e o comércio marítimo dos etruscos e cartagineses ficou ameaçada, o que redundou em uma aliança estratégica entre ambos para conter a expansão dos gregos na região.

A disputa pelo controle das águas do Mediterrâneo Ocidental envolvendo aquelas três principais potências navais do seu tempo resultou, em 540 a.C., na batalha naval de Alalia, entre a força naval etrusco-cartaginesa, em inédita aliança contra os navios gregos. A vitória interrompeu o avanço grego para o Mediterrâneo Ocidental, que se tornou área de comércio dos Cartagineses enquanto os etruscos ficaram restringidos ao comércio litorâneo (Pemsel, 1979, p.15).

Mas enquanto os séculos VII e VI a.C. foram séculos auspiciosos para os etruscos, com o aumento de cidades e crescimento da Etrúria, os seguintes vão lhes trazer problemas tanto no mar como em terra.

CONFLITOS COM ROMA

Em 509 a.C. o último dos reis etruscos de Roma, Tarquinio o Soberbo, foi destituído, e a República Romana proclamada. Teve início, a partir de então, um período de lutas dos romanos contra os demais povos da península, inclusive os etruscos que, em 499 a.C., se aliaram aos latinos e foram derrotados pelos romanos na batalha do Lago Regillus.

No mar, as tentativas etruscas de avançar para o sul foram barradas em 474 a.C., quando ao largo de Cumas, colônia grega próxima a Nápoles na Campania, forças gregas impuseram derrota que abalou o poder naval etrusco e contribuiu para o início do seu declínio.

Em terra, a Etrúria aos poucos foi caindo em mãos dos romanos, assim como os demais povos da península. Cidades etruscas gradativamente foram se rendendo, como as importantes Veii em 396 a.C., Tarquínia em 308 a.C. e Volterra em 295 a.C. Por volta dos 280 a.C., Roma dominava a Etrúria, a Úmbria e a Campania.



Figura 6. Mapa da Etrúria

Fonte: Revista Geográfica Universal, Junho/75.

Após o início da República, os romanos também vão expandir suas conquistas para o sul, vencendo os gregos da Magna Grécia e, para além, ocupando Cartago e as ilhas Sicília, Córsega e Sardenha. Mais adiante Roma ocupa territórios na península ibérica e na Gália, obra do exército de Júlio Cesar. Iniciava-se desse modo o que seria o Grande Império Romano, que se estenderia do *Mare Nostrum*, o Mediterrâneo Romano, às Ilhas Britânicas.

A ETRÚRIA ESQUECIDA

A hegemonia etrusca na península durou cerca de 700 anos. Nestes sete séculos a Etrúria, a partir de Tarquínia, ampliou seu vasto território estendendo-o da Toscana à Úmbria e ao Lácio, dominou o litoral peninsular do Arno ao Tibre e usou o Mar Tirreno como importante via marítima para seu comércio com gregos, fenícios e cartagineses do Mediterrâneo Oriental. Teve períodos de convivência pacífica, mas também de conflito com seus vizinhos peninsulares e com outros povos do Mediterrâneo Oriental.

Com a ocupação Romana da península Itálica e o fim da Etrúria, esta importante civilização des-

vaneceu e toda a sua história por um bom tempo ficou esquecida.

A redescoberta da civilização etrusca vai ocorrer no Renascimento, entre os séculos XV e XVI de nossa era, quando coleções de antiguidades, inclusive objetos etruscos, começaram a ser acumuladas, especialmente na Toscana, então governada pelos Medici. Em 1723, foi publicado um primeiro trabalho sobre os etruscos, “De Etruria Regali” obra do escocês Thomas Dempster dedicada aos Medici (Angelis, 2016, p. 89 e 90), mas foi a partir do século XIX que o interesse pela antiguidade etrusca se desenvolveu.

A propósito, durante as guerras napoleônicas, voltou a existir, na região da Toscana, um Reino da Etrúria, Estado criado em 1801 por Napoleão Bonaparte, com capital em Florença, que em 1807 foi dissolvido e anexado ao Império Francês.

O PATRIMÔNIO ARTÍSTICO DA ETRÚRIA

Diferente das Pirâmides egípcias, da Acrópole de Atenas e do Coliseu romano, além de outras imponentes estruturas arquitetônicas antigas conhecidas e bem visíveis, as principais relíquias patrimoniais da Etrúria não se revelaram em construções monumentais, mas em quase recônditas tumbas descobertas em necrópoles espalhadas por suas cidades.

Como descreveu Aquino, “a cultura, arte e costumes da civilização etrusca veio até nós através de sua arte tumular” sendo a “tumba o resumo figurativo e realista da vida da nação etrusca onde moram os mortos cercados de tudo que lhes possa ser necessário no além” (Aquino, 1975, p. 39 e 53).

De fato, as tumbas etruscas revelaram ao mundo belos e coloridos afrescos iconográficos retratando cenas do cotidiano e mitológicas, vasos imitando cerâmica grega, estátuas em terracota, estatuetas em bronze, joias de ouro, objetos decorativos diversos, além de urnas crematórias e sarcófagos ornados com estátuas mortuárias... Uma riqueza cultural inimaginável!

Não foi à toa que a “descoberta” de Tarquínia e seu Museu me exerceu tamanho fascínio e me fez explorar essa civilização tão profunda e enigmática quanto cativante e misteriosa, cuja origem e história guardam ainda muito a ser desvendado.

É oportuno registrar que uma das maiores dificuldades para entender a Etrúria reside na escassez de textos em sua língua nativa, cuja escrita até hoje não foi totalmente compreendida pelos especialistas. Por essa razão, a arqueologia, as tumbas e os objetos nelas encontrados são tão importantes e valiosos para a revelação do enigma Etrúria.

Para concluir, o interessante e belo acervo artístico e cultural etrusco não se resume ao existente no Museu ou na Necrópole de Tarquínia. Ele pode também ser visto em várias outras coleções de peças etruscas existentes na Itália, entre os quais ressalto o dos seguintes museus:

- Archeologico Nazionale e Necropoli Montezori, em Tarquínia;
- Nazionale Cerite e Necropoli, em Cerveteri;
- Nazionale Etrusco, em Villa Giulia, Roma;
- Etrusco, do Vaticano;
- Archeologico, de Florença.
- Dell’Accademia Etrusca, em Cortona;
- Nazionale Etrusco, de Chiusi;
- Archeologico Etrusco, em Artimino;
- Archeologico Nazionale, dell’Umbria;
- Etrusco, de Pitigliani;
- Etrusco-Romano, de Todi; e
- Guarnacci, em Volterra.

Por certo existem peças etruscas dispersas em Museus fora da Itália, como o Britânico em Londres, o



Figura 6. Necrópole de Monterozzi (Pintura Tumba dos Leopardos), em Tarquínia

Fonte: Wikimedia.

Louvre em Paris e o Metropolitan em Nova Iorque. É só pagar para ver, pois vale a pena!

INFORMAÇÃO FINAL E BIBLIOGRAFIA

Este artigo é apenas uma breve síntese de minhas desprezíveis “descobertas” sobre essa esplêndida civilização que floresceu na terra do meu avô, há pouco mais de um milênio e meio. Obviamente há muito, ainda, a ser revelado sobre a Etrúria e seu admirável povo que, por cerca de 700 anos, teve uma proeminente participação na história da Itália Antiga.

Por essa razão, considere oportuno incluir na bibliografia não apenas os livros citados no texto, mas todos nos quais procurei desvendar o máximo sobre a Etrúria e também sobre a Roma Antiga. Espero que sejam úteis para orientar aqueles que quiserem se aprofundar neste fascinante mundo dos Etruscos e sua época.

REFERÊNCIAS

História de Roma e Etrúria:

ANGELIS, David de (editor). *La Civiltà degli Etruschi*. E-book, 2016.

AQUINO, Flávio de. O Legado dos Etruscos. *Revista Geográfica Universal*. Bloch Editores, junho 1975.

FOX, Elio. *Roma – en la historia, en la fé, en la civilización*. Bellomi editore, 1975. 128p.

HADAS, Moses. *Roma Imperial*. Biblioteca de História Universal Life. Rio: José Olympio, 1980, 190p.

KINDERSLEY, Dorling. *Itália*. Guia Folha de São Paulo. São Paulo: Folha da Manhã, 2002.

LAWRENCE, D. H. *Paesi etruschi*. Siena: Nuova Immagine Editrice, 2006. 180p.

MASO, Leonardo B. Dal e VIGHI, Roberto. *Etruria Meridionale – Zone Archeologiche Del Lazio*. Firenze: BONECHI Edizioni Il Turismo, Revista 1975.

MATYSZAK, Philip. *Os inimigos de Roma. De Aníbal a Atila, o Huno*. Barueri, SP: Manole, 2013.

RIVER, Charles (editor). *The Etruscans: The History and Culture of the Ancient Italian Civilization that Preceded the Romans*. (Ebook). *s.d.*

SARDELLI, Eleonora. *Etruschi. Storia di un popolo misterioso*. Milano, Italia: Giunti Editore, 2007.

SMITH, Christopher. *The Etruscans: A very short introduction*. Oxford: Oxford University Press, 2014.

WEST, Doug. *The Seven Kings of Ancient Rome. A short introduction*. C&D Publications (Ebook), 2022.

WOOLF, Greg. *Roma. A História de um Império*. São Paulo: Cultrix, 2017, 436p.

História Geral:

ALBUQUERQUE, Antonio Luiz Porto e. *História Geral do Ocidente*. Rio: SDGM, 1985.

BARRACLOUGH, Geoffrey (editor). *Atlas de história do mundo*. São Paulo: Empresa Folha da Manhã, 1995. 320p.

BRAUDEL, Fernand. *Memórias do Mediterrâneo. Pré-história e Antiguidade*. Rio: Multinova, 2001. 395p.

BURNS, Edwar MacNall. *História da civilização ocidental. Do homem das cavernas às nave espaciais*. (Vol.1). São Paulo: Ed. Globo, 1999.

CAMINHA, João Carlos Gonçalves. *História Marítima*. Rio: BIBLIEX, 1980. 298p.

CASSON, Lionel. *Ships and seamanship in the ancient world*. Baltimore, MD: John Hopkins University Press, 1995. 470p.

CIVITA, Victor. *Geografia Ilustrada, V-1 / Itália*. São Paulo: Abril Cultural, 1971

HAMMOND, *Historical World Atlas*. Union, NJ: Hammond W.A. Corporation, 2003, revised.

KINDER, Hemann e HILGEMANN, Werner. *Atlas Histórico Mundial, de los Origenes a la Revolución Francesa*. Madrid: Ediciones ISTIMO, 1983.

PAINE, Lincoln. *The Sea and Civilization: A maritime history of the world*. New York: Vintage Books, 2015, 744p.

PEMSEL, Helmut. *History of war at sea*. Annapolis, MD: Naval Institute Press, 1979. 176p.

POTTER, E. B. & NIMITZ, Chester. *Sea Power: a naval history*. Englewood Cliffs, NJ: Prentice Hall, 1961. 932p.